

Semiótica e retórica

José Luiz Fiorin

Recebido 16, jul. 2007/Aprovado 20, set. 2007

Resumo

Este trabalho, depois de mostrar que a retórica estuda os procedimentos discursivos que possibilitam ao enunciador produzir efeitos de sentido que permitem fazer o enunciatário crer naquilo que foi dito, propõe que as diferentes teorias do discurso devem herdar a retórica, levando em consideração séculos de estudos já realizados. Herdar a retórica quer dizer lê-la à luz dos problemas teóricos enunciados na atualidade, investigar as questões abordadas por ela segundo o ponto de vista das questões teóricas modernas. Em seguida, examina-se a maneira como a semiótica francesa está tratando, de um lado, a chamada retórica das figuras; de outro, a denominada retórica argumentativa, num processo de incorporação teórica das aquisições dos retores antigos. Expõe-se o que são figuras e argumentos da mistura e da triagem, figuras da valência da intensidade, figuras da valência da extensidade e argumentos implicativos e concessivos.

Palavras-chave: *Figuras da mistura. Figuras da triagem. Intensidade. Extensidade. Implicação. Concessão.*

“Esthloû patròs paî, kautòs òn néos potè
glössan mèn argòn, kheîra d’eîkhon ergátin;
nÿn d’eis élenkhon exiòn horō brotoîs
tèn glössan, oukhì tárگا, pánth’égouménēn.”¹
(Sófocles, *Filoctetes*, v. 96-99)

Aristóteles, seguindo uma longa tradição, divide os raciocínios em necessários e preferíveis (1991, I, 2, 1356b-1358a; 2005, I, 1; II, 27). O primeiro é aquele cuja conclusão decorre necessariamente das premissas colocadas, ou seja, sendo verdadeiras as premissas, a conclusão não pode não ser válida. O tipo perfeito de raciocínio necessário era, para o filósofo, o silogismo demonstrativo:

Todos os metais são bons condutores de eletricidade.

Ora, o mercúrio é um metal.

Logo, o mercúrio é um bom condutor de eletricidade.

Como é verdadeiro que os metais são bons condutores de eletricidade e que o mercúrio é um metal, não pode não ser verdade que o mercúrio é um bom condutor de eletricidade. Nesse caso, a conclusão não depende de valores, da visão de mundo, de posições religiosas, de sentimentos, etc.

Os raciocínios preferíveis são aqueles cuja conclusão é possível, provável, plausível, mas não necessariamente verdadeira, porque as premissas sobre as quais ela se assenta não são logicamente verdadeiras. O silogismo dialético ou retórico é um exemplo desse tipo de raciocínio.

Os bancos antigos são sólidos.

Ora, X é um banco antigo.

Logo, X é sólido.

Nesse caso, é possível, é provável, é plausível, mas não logicamente verdadeiro, que X seja sólido, uma vez que os bancos antigos não são necessariamente sólidos. Nesse caso, a admissão de certas premissas e, portanto, de determinadas conclusões depende de crenças e de valores.

Os raciocínios necessários pertencem ao domínio da lógica e servem para demonstrar determinadas verdades. Os preferíveis são estudados pela retórica e destinam-se a persuadir alguém de que uma determinada tese deve ser aceita, porque ela é mais justa, mais adequada, mais benéfica, mais conveniente e assim por diante. Nos negócios humanos, não há, na maioria das vezes, verdades lógicas. Por exemplo: o aborto é um direito ou um crime; a parceria civil de pessoas do mesmo sexo é a reparação de uma situação de iniquidade ou uma aberração; deve-se fazer o

¹ Ó filho de nobre pai, eu também, quando era jovem, outrora, conservava a língua inativa e as mãos ocupadas. Agora, tendo atingido a experiência, vejo que, entre os mortais, é a palavra e não a ação que tudo conduz.

que é conveniente ou o que é justo? Nenhuma dessas conclusões é logicamente verdadeira, porque elas dependem de valores, de crenças, de temores, de anseios, etc.

A persuasão faz-se, segundo Cícero, pelo convencimento, quando se mobilizam argumentos para levar a aceitar uma tese; pela comoção, quando isso é feito insuflando o estado de espírito do destinatário, suas paixões, seus preconceitos, etc.; pelo encantamento, pelo deleite (1966, II, 28, 121). No plebiscito sobre a proibição da venda de armas de fogo, a campanha para o *sim* foi feita fundamentalmente pelo convencimento; a campanha para o *não* foi realizada basicamente pela comoção, jogando com a sensação de insegurança da população.

Os argumentos são os raciocínios que se destinam a persuadir, isto é, a convencer ou a comover, ambos meios igualmente válidos de conduzir à admissão de determinada idéia.

Muitas ciências têm seus mitos fundadores. Conta Roland Barthes que a retórica surge, por volta de 485 a. C., depois que uma sublevação democrática derrubou os tiranos da Sicília Gelon e Hieron, que, durante seu governo, tinham expropriado muitas terras com a finalidade de distribuí-las a seus soldados. Depois da vitória dos insurretos, os proprietários espoliados reclamaram a devolução de suas propriedades. Esses processos mobilizavam grandes júris populares, que precisavam ser convencidos da justiça da reivindicação. A eloquência necessária para impelir o ânimo dos jurados tornou-se objeto de ensino. Os primeiros professores foram Empédocles de Agrigento, Córax, seu aluno em Siracusa e o que inaugurou a cobrança pelas lições ministradas, e Tísias (BARTHES, 1975, p. 151). Foi Córax quem começou a codificação das partes da *oratio*, criando uma “retórica do sintagma” (BARTHES, 1975, p. 151). Ele estabeleceu o pólo sintagmático da retórica, que é a ordem das partes do discurso, a *táxis* ou *dispositio* (BARTHES, 1975, p. 153).

A retórica é, sem dúvida nenhuma, a disciplina que, na História do Ocidente, deu início aos estudos do discurso. Tira ela seu nome do grego *rhéseis*, que quer dizer “ação da falar”, donde “discurso”. *Rhetoriké* é a arte oratória, de convencer pelo discurso. A emergência da primeira disciplina discursiva traz consigo a consciência da heterogeneidade discursiva. Com efeito, desde o seu princípio, estava presente nos ensinamentos de Córax que todo discurso pode ser invertido por outro discurso, tudo o que é feito por palavras pode ser desfeito por elas, a um discurso opõe-se um contradiscurso. Conta-se que Córax dispôs-se a ensinar suas técnicas a Tísias, combinando com ele que seria pago em função dos resultados obtidos pelo discípulo. Quando Tísias defendesse a primeira causa, pagar-lhe-ia se ganhasse; se perdesse, não lhe deveria nada. Terminadas as lições, o aluno entra com um processo contra o mestre. Nessa primeira demanda, ele ganharia ou perderia. Se ganhasse, não pagaria

nada por causa da decisão do tribunal. Se perdesse, não deveria nada por causa do acordo particular entre eles. Córax constrói seu contradiscurso, retomando a argumentação de Tísias, mas invertendo-a. Se Tísias ganhar o processo, deve pagar por causa do acordo particular; se perder, deve pagar por causa da decisão do tribunal. Nos dois casos, deve pagar (PLANTIN, 1996, p. 5).

Os sofistas continuaram a impulsionar a nova disciplina. Devem-se a eles quatro noções discursivas:

- a) a antítonia, ou seja, a prática sistemática da oposição entre discursos: a cada discurso corresponde um outro discurso, produzido por um outro ponto de vista²;
- b) o paradoxo, que mostra que, diferentemente do que pensa o senso comum, a linguagem não é transparente, sua ordem não é homóloga à da realidade, ela tem uma ordem própria, autônoma em relação à realidade³;
- c) a probabilidade, ou seja, a idéia de que, no que diz respeito às realidades humanas, não existe apenas o verdadeiro e o falso, o certo e o errado⁴;
- d) a dialética, que conduz à tese de que a interação discursiva é a realidade em que se estabelecem as relações sociais (PLANTIN, 1996, p. 6-7).

Górgias de Leontium chegou a Atenas em 427. Foi professor de Tucídides e é o interlocutor de Sócrates no diálogo de Platão que leva seu nome. Começa ele a discutir as figuras de retórica, fundando as bases do pólo paradigmático da retórica, a *léxis* ou *elocutio* (BARTHES, 1975, p. 152-153).

Uma disputa grande entre a retórica, a dialética e a filosofia está na base dessas três disciplinas humanísticas fundamentais. No *Górgias*, de Platão, opõe-se Górgias a Platão, ou seja, a retórica à filosofia. Uma discussão fundamental é a diferença entre elas: a filosofia visa à verdade, enquanto a retórica, ao resultado (*stochastiké*) e, por conseguinte, não pode ser uma *techné* (1935, 463a). Uma mediação entre as duas disciplinas provinha da dialética, que teve como figura emblemática Sócrates. Ao contrário da retórica, ela, assim como a filosofia, considera basilar a distinção entre o verdadeiro e o falso; mas, ao contrário da filosofia, julga central a formulação dos conceitos. O ponto de vista de Sócrates e da dialética é bem expresso no *Mênon*, de Platão: “Ora, parece-me que o que caracteriza esse espírito (a dialética) não é somente dizer a verdade, mas é também fundar seu dizer naquilo com que o interlocutor possa concordar” (1935, 75d).

Aqui entra uma questão fundamental para o analista do texto. Se a filosofia está voltada para a obtenção da verdade e esta não é relativa, a filosofia tem uma concepção não heterogênea da linguagem. Na medida em que a retórica visa a resultados,

² Veja-se um exemplo de antítonia. Alguém foi ferido por um dardo num ginásio. Trata-se de saber quem é o responsável. Ponto de vista 1: o responsável é quem lançou o dardo. Ponto de vista 2: o responsável é a vítima, que não respeitou as instruções de segurança do ginásio (PLANTIN, 1996, p. 6).

³ Por exemplo: Tudo o que é raro é caro.

Um cavalo barato é raro.

Portanto, um cavalo barato é caro.

“Amor é um fogo que arde sem se ver” (CAMÕES, 1988, p. 270).

⁴ Um exemplo. É provável que o homem tenha batido na mulher (probabilidade de primeiro nível). No entanto, como a mulher sabe, em virtude da probabilidade de primeiro nível, que as suspeitas vão recair sobre o homem, ela é que bateu nele (probabilidade de segundo nível). Esse conceito, como nota Plantin, marca a emergência de uma análise dos estereótipos do comportamento humano (1996, p. 9).

seja por um caminho lógico, o do convencimento (*fidem facere*)⁵, seja pelo *humor* do auditório, o da comoção (*animos impellere*) (BARTHES, 1975, p. 184), tem a nítida noção da heterogeneidade discursiva, da idéia de que um discurso se constitui em oposição a outro discurso.

A *Retórica*, de Aristóteles, compreende três livros. O primeiro trata do enunciador, de como ele concebe os argumentos, de como constrói seu *éthos* na enunciação; o segundo analisa o enunciatário, como ele recebe os argumentos em função do *páthos*; o terceiro estuda a mensagem, como se expressam os argumentos.

A retórica antiga continha cinco operações, embora somente as três primeiras fossem realmente objeto de estudos mais acurados:

1. inventio	héuresis	invenire quid dicas
2. dispositio	táxis	inventa disponere
3. elocutio	léxis	ornare verbis
4. actio	hypócrisis	agere et pronuntiare
5. memoria	mnéme	memoriae mandare

(BARTHES, 1975, p. 182)⁶

A retórica conhece grande importância em Roma, com Cícero, Quintiliano, etc.

Na Idade Média, a base de toda a educação é o *septennium*, que prepara para a teologia, que reina soberana sobre as sete artes liberais, súpula do conhecimento humano desinteressado. Essas artes são divididas em dois grupos: um que estuda a linguagem, o *trivium* (gramática, dialética e retórica) e outro que perscruta a natureza, o *quadrivium* (música, aritmética, geometria e astronomia).⁷ A retórica é a “arte do discurso eficaz” (*ars bene dicendi*)⁸. Ao longo de dez séculos, a proeminência passou de uma para outra das disciplinas do *trivium*. No entanto, sempre se manteve uma consciência da heterogeneidade discursiva. Por exemplo, a *disputatio*, com seus *sic et non, sed contra, respondeo*, é o exercício de construção de discursos contraditórios sobre uma dada tese, é um exercício em que um discurso se constrói em oposição a outro discurso.

Mais tarde, a retórica torna-se apenas um estudo de figuras (GENETTE, 1975, p. 129-146), cai num quase total esquecimento, perde o prestígio de que desfrutava e é relegada a segundo plano. Lembremo-nos da célebre afirmação de Victor Hugo: *Guerre à la rhétorique, paix à la syntaxe*.

Se, de um lado, é verdade que a retórica foi tomada do que Genette denominou “fúria de nomear” (1972, p. 17), o que conduziu à elaboração de taxionomias cada vez mais exaustivas de

⁵ É interessante notar que *fides* significa a credibilidade, o que demonstra o caráter ideológico da interpretação, uma vez que o crer precede o saber (GREIMAS, 1983, p. 115-134). Cf., por exemplo, nas *Metamorfoses*, de Ovídio: *at ille/ dat gemitus fictos commentaque funera narrat/ et lacrimae facere fidem* (VI, 564-566) (porém ele (Tereo) emite gemidos fingidos e narra-lhe uma morte imaginária e as lágrimas deram credibilidade).

⁶ Como nota Barthes, a *inventio* é o ato de encontrar argumentos e não de inventá-los. Extraem-se argumentos de um lugar (*tópos*), onde já estão (1975, p. 183).

⁷ A estrutura do *septennium* é codificada no séculos V e VI por Marciano Capella, com base numa alegoria: as núpcias de Mercúrio e da Filologia. Esta é prometida àquele e recebe como presente de casamento as sete artes liberais, cada uma apresentada com seus símbolos. A Gramática é uma velha senhora, trajando roupas romanas e portando um pequeno cofre, com uma lima e uma faca para corrigir as faltas dos filhos. A Retórica é uma bela mulher, com vestes ornadas, empunhando armas para ferir os adversários (BARTHES, 1975, p. 164).

⁸ Nota Renier que, enquanto a retórica era chamada *ars bene dicendi*, a gramática era a *ars recte dicendi* e a dialética, a *ars vere dicendi* (1989, p. 147).

casos particulares; de outro, é também certo que buscou estudar, com bastante precisão, os mecanismos discursivos que permitem “provocar ou incrementar a adesão dos espíritos às teses que lhes são apresentadas” (PERELMAN, 1970, p. 25). Hoje, embora concordemos integralmente com o enunciado que expõe o objetivo da retórica, apresentá-lo-íamos em outra linguagem: estuda os procedimentos discursivos que possibilitam ao enunciador produzir efeitos de sentido que permitem fazer o enunciatário crer naquilo que foi dito. As diferentes teorias do discurso devem herdar a retórica no estudo dos procedimentos discursivos, levando em consideração séculos de estudos já realizados.

Que significa herdar a retórica? Lê-la à luz dos problemas teóricos enunciados na atualidade. Quando se disse que a concepção da heterogeneidade lingüística já estava presente na criação da retórica, não se quis dizer que a retórica é uma prefiguração da Análise do Discurso, pois uma visão teleológica da ciência não se sustenta. O que se estava fazendo é ler os temas abordados pela retórica sob a ótica das questões teóricas modernas.

Claude Zilberberg observa que o problema da afetividade, do sensível foi deixado de lado na constituição da lingüística. Isso correspondeu a sua “desretorização” (2006, p. 179). A semiótica narrativa e discursiva tem como fontes principais a lingüística, a antropologia estrutural e a narratologia de Propp. Buscou também contribuições na fenomenologia e na psicanálise. No entanto, ignorou a retórica. Hoje é preciso voltar à retórica e incorporá-la à semiótica. Para Zilberberg, isso corresponde à inclusão dos afetos na teoria, ao abarcamento da dimensão estética do discurso. Afinal, a retórica tinha entre seus objetivos, não apenas *docere* ou *probare*, que concerne ao componente inteligível do discurso, mas também *delectare* ou *placere* e *movere* ou *flectere* (CÍCERO, 1921, I, 21, 69; QUINTILIANO, 1980, XII, 2, 11), que dizem respeito ao componente afetivo do discurso.

A semiótica tensiva, um dos últimos desenvolvimentos teóricos da semiótica⁹, busca construir um modelo para descrever os fenômenos contínuos, diretamente associados ao universo sensível. Depois da importância que o primeiro estruturalismo deu à descontinuidade, é preciso agora dar lugar à continuidade, pois essas são as duas maneiras pelas quais o sentido se apresenta. Na verdade, o que é pertinente nessa orientação da semiótica é a direção da continuidade, ou seja, o aumento e a diminuição. Por isso, dá-se um espaço particular ao aspecto, que não é senão “a análise do devir ascendente ou descendente de uma intensidade” (ZILBERBERG, 2006, p. 167). Se se fala em devir, leva-se em conta a velocidade e o andamento. Com efeito, uma semiótica dos acontecimentos deve mostrar o papel relevante dos andamentos não só no sistema, mas também no processo. Todas as grandezas lingüísticas analisam-se em termos de intensidade e

⁹ Nossa exposição sobre a semiótica tensiva é tributária de Fontanille; Zilberberg (2001) e Zilberberg, (2006).

de extensidade. Tensividade é a categoria semântica que engloba esses dois termos em oposição. O primeiro é o lugar da afetividade, dos estados de alma, do sensível; o segundo, o dos estados de coisas, do inteligível (ZILBERBERG, 2006, p. 167). Essas duas articulações da tensividade constituem valências e a associação de uma valência intensiva com uma extensiva produz o valor. A intensidade, por sua vez, articula-se em duas subdimensões: o andamento e a tonicidade; a extensidade, também em duas: a temporalidade e a espacialidade. A intensidade concerne à força, à energia presente numa grandeza, enquanto a extensidade diz respeito à extensão do campo controlado pela intensidade no tempo e no espaço.

Essas duas valências mantêm relações conversas (quanto mais... mais; quanto menos... menos) ou inversas (quanto mais... menos; quanto menos... mais). Por exemplo, diz o provérbio que “o amor faz passar o tempo e o tempo faz passar o amor”. Note-se que o anexim mostra que há uma relação inversa entre intensidade e temporalidade (quanto mais intenso o amor menos longo é o tempo; quanto mais longo é o tempo menos intenso é o amor). O produto do andamento e da tonicidade é um valor de impacto, ou seja, da superlatividade; o resultado da maior expansão no espaço com a maior extensão no tempo é um valor de universo, uma universalidade. Entre os valores de impacto, de absoluto, e valores de universo existem tanto relações conversas como inversas. Se elas forem conversas, a um aumento dos valores de absoluto corresponde uma ampliação dos valores de universo e a mesma coisa ocorre com a diminuição; se elas forem inversas, a um arrefecimento dos valores de absoluto equivale um acréscimo dos valores de universo e assim sucessivamente.

Essas considerações são suficientes para explicar os objetivos da semiótica tensiva. Vamos agora mostrar como ela incorpora a retórica. A retórica antiga era geral, pois comportava tanto uma dimensão tropológica como uma dimensão argumentativa. Aliás, essa diferença só faz sentido atualmente, já que para os antigos os tropos eram formas de argumentar. Pouco a pouco, ocorre o que Genette chama a redução tropológica (In: COHEN, 1975, p. 131). Diz Perelman que a “retórica dita clássica, que se opõe à antiga, tinha-se reduzido a uma retórica das figuras, consagrando-se à classificação das diferentes maneiras como se podia ornar o estilo” (1977, p. 10). Paulatinamente, criam-se duas retóricas, uma da argumentação e uma das figuras (KLINKENBERG apud MEYER, 1990, p. 115-137). A semiótica tensiva procura integrar ambas, no seu campo teórico.

Vamos dar alguns exemplos dessa incorporação da retórica na semiótica. O que é preciso notar é que esta necessita explicar os fenômenos sobre os quais aquela se debruça, a partir de seus pressupostos teóricos e não daqueles da *ars [...] bene dicendi* (QUINTILIANO, 1980, II, 17, 37)¹⁰.

¹⁰ Quintiliano, desde o início de sua obra fala em *ratio dicendi*, “ciência ou arte do dizer (I, Pr, 1) e define a retórica também como *bene dicendi scientia* (II, 15, 34), determinando seu fim e sua eficácia última no simples “falar bem”, ou seja, falar com eficácia: *finis eius et summum est bene dicere* (II, 15, 38).

Para uma semiótica das figuras

Tomemos um exemplo para mostrar que a semiótica não pode aceitar certos postulados da retórica. Todos os manuais de retórica aludem à dificuldade de sistematizar as figuras de pensamento (Cf. LAUSBERG, 1976, v. 2, p. 190). Lausberg e o grupo de Liège (DUBOIS et al., 1974, p. 174-201), por exemplo, apesar de suas diferenças, partem do mesmo fundamento para estabelecer uma organização dessas figuras e de todas as outras: a *quadripertita ratio*, que se compunha de quatro operações, *adiectio*, *detractio*, *immutatio* e *transmutatio* (QUINTILIANO, 1980, I, 5, 38-41). No entanto, assim que começam a sistematizá-las, diversas dificuldades se apresentam. Uma delas é o fato de uma figura poder ser constituída de outra ou de outras figuras. Por exemplo, uma antítese pode constituir-se de duas hipérboles (DUBOIS et al., 1974, p. 191). Isso significa que essas duas figuras não pertencem à mesma ordem de fenômenos, mas a domínios distintos de fatos.

O grupo de Liège, em sua *Retórica geral*, parte do princípio de que as figuras constituem desvios (DUBOIS et al., 1974, p. 62-64). Ao estudar os metalogismos (as chamadas figuras de pensamento), defende que o critério para percebê-los é uma referência necessária a um dado extralingüístico, pois eles se fundam no espaço exterior que se estabelece entre o signo e o referente. Só o conhecimento da realidade permite apreendê-los. O metalogismo consiste numa “falsificação ostensiva” da correspondência entre o signo e o referente, “transgride a relação normal entre o conceito e a coisa significada”, “contesta a verdade dos fatos”. A norma em relação à qual o metalogismo é um desvio constitui a verdade do referente (DUBOIS et al., 1974, p. 174-187). Além disso, o metalogismo é sempre particular, está sempre ligado a um circunstancial egocêntrico e, por isso, nunca aparece dicionarizado (DUBOIS et al., 1974, p. 174-177).

É preciso admitir que os efeitos de sentido produzidos pelos chamados metalogismos são sempre circunstanciais e, portanto, nunca dicionarizados. Isso ocorre porque pertencem à performance discursiva, estando ligados, por conseguinte, ao *ego-hic-nunc* da enunciação.

Entretanto, não é possível aceitar a tese de que os metalogismos constituam um desvio em relação a um referente, a um dado extralingüístico, e que sua norma seja a verdade dos fatos, pois isso seria admitir que os discursos se constroem sobre a realidade e não sobre outros discursos e que existe uma homologia entre a ordem do discurso e a do mundo. Esses pressupostos contrariam os princípios teóricos em que se assenta a semiótica. Ademais, a própria noção de desvio é extremamente problemática, na medida em que pressupõe uma norma dada

como algo natural. Na verdade, tanto norma como desvio são efeitos de sentido gerados pelo discurso.

Figuras da mistura e da triagem

Fontanille e Zilberberg mostram que os valores tomam forma e circulam no discurso, levando em conta o princípio de exclusão e o da participação (2001, p. 27). Esses princípios criam dois grandes regimes de funcionamento das grandezas discursivas. O primeiro é o da exclusão, cujo operador é a triagem. Nele, quando o processo atinge seu termo, leva à confrontação do exclusivo e do excluído. As grandezas reguladas por esse regime confrontam o puro e o impuro. O segundo regime é o da participação, cujo operador é a mistura, o que leva ao confronto do igual e do desigual. A igualdade pressupõe grandezas intercambiáveis; a desigualdade implica grandezas que se opõem como superior e inferior (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 29).

A triagem e a mistura variam em termos de tonicidade: átona e tônica. Há triagens mais ou menos drásticas e misturas mais ou menos homogêneas, o que daria o seguinte esquema (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 33):

	Triagem	Mistura
Tônica	unidade/nulidade	universalidade
Átona	totalidade	diversidade

Cada um desses regimes opera com um tipo de valor diferente: o da triagem cria valores de absoluto, que são valores da intensidade; o da mistura, valores de universo, que são valores da extensidade (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 53-54).

O discurso opera, em qualquer gênero, com triagens e misturas. Numa sintaxe extensiva, triam-se as misturas, visando a um valor de absoluto, e misturam-se as triagens, visando a um valor de universo (ZILBERBERG, 2006, p. 192-193). Metáfora e metonímia são dois processos de transferência semântica. Nelas, sempre um sentido substitui outro. A metáfora constrói-se com a mistura de duas grandezas, que, no caso, são duas isotopias, que mantêm entre si uma relação de analogia, de similaridade, de intersecção. No poema *Jogos frutais*, de João Cabral, estabelece-se uma analogia entre as isotopias da feminilidade e das qualidades sensoriais das frutas (MELO NETO, 1994, p. 262-268). A metonímia realiza a triagem de um traço para denotar um dado significado. Esse traço pertence à mesma isotopia do significado expresso, havendo entre os dois sentidos uma relação de implicação: contigüidade, coexistência, pertença, na metonímia em sentido estrito, ou inclusão e englobamento, na

sinédoque, que é um tipo de metonímia¹¹. No entanto, lembra Jakobson que, em poesia, “toda metonímia é ligeiramente metafórica e toda metáfora tem um matiz metonímico” (1969, p. 149), ou seja, toda triagem contém uma mistura e toda mistura encerra uma triagem.

No soneto *É a vaidade, Fábio, nesta vida*, de Gregório de Matos (apud CANDIDO; CASTELLO, 1973, p. 73-74), o poeta explica o que é a vaidade por meio de três metáforas: *rosa*, *planta* e *nau*. Nos dois quartetos e no primeiro terceto, expõe a analogia que fundamenta essas figuras. No último terceto, pergunta-se “Mas ser planta, ser rosa, nau vistosa, / De que importa, se aguarda sem defesa / Penha a nau, ferro a planta, tarde a rosa?” *Penha* (causa) significa “naufrágio” (efeito); *ferro* (instrumento = machado, indicado pelo material de que é feito) quer dizer “corte” (ação); *tarde* (momento) denota o “fenecer” (acontecimento). São três metonímias, que, ao contato com as metáforas do texto, metaforizam-se e passam a significar “morte”. Amalgamam-se as isotopias do humano e do não humano e a triagem passa a conter uma mistura. O soneto trata dos temas da inutilidade da vaidade diante da fugacidade da vida e da inexorabilidade da morte.

Estamos acostumados a considerar a metáfora e a metonímia figuras de palavras. No entanto, não é relevante na sua determinação a dimensão em que operam. Podem, portanto, ter a dimensão de uma palavra, de uma frase, de um texto (veja-se, por exemplo, o texto *Um apólogo*, de Machado de Assis). Além disso, se essas duas figuras funcionam com a mistura ou a triagem isotópica, pode-se dizer que as diferentes leituras que um texto admite também são metafóricas ou metonímicas. A parte final do poema *Alguns toureiros*, de João Cabral, em que se fala de Manuel Rodriguez, permite pelo menos três leituras: a do tourear, a do poetar e a do viver no Nordeste brasileiro. Essas leituras relacionam-se metaforicamente, pois há uma interseção de sentido entre elas: a contenção das emoções. As anedotas, as frases maliciosas, de duplo sentido, os textos humorísticos jogam também com dois planos de leitura. Neles, lê-se o que pertence a um plano em outro. Muitas vezes, a relação entre os dois planos de leitura é metonímica, porque os diferentes sentidos triados, selecionados, coexistem num mesmo lexema ou numa mesma expressão.

A metáfora e a metonímia não são processos apenas da linguagem verbal (JAKOBSON, 1969, p. 63). Em todas as outras linguagens (a pintura, a publicidade, etc.) usam-se metáforas e metonímias. Os signos de orientação de usuários em locais públicos ou nas estradas (indicação de restaurantes, de banheiros, etc.) são em geral metonímicos. É o caso de uma placa com talheres, que indica a existência de um restaurante, ou com uma cama, que aponta para a presença de um lugar para alugar-se. Nesse

¹¹ Observe-se o predicado cujo objeto direto é duas garrafas, nas frases “O vinho era tão bom que ele bebeu duas garrafas” e “O vinho era tão bom que ele comprou duas garrafas”: no primeiro caso, temos uma metonímia, porque o continente expressa o conteúdo, ele bebeu o vinho contido em duas garrafas e, nesse caso, temos uma relação de coexistência; no segundo caso, temos uma sinédoque, porque a parte denota o todo, ele comprou o vinho em seu recipiente e, nesse caso, temos uma relação de inclusão.

caso, houve a triagem de um elemento para significar outro. O quadro *Guernica*, de Picasso, é metonímico. Ele é constituído de elementos que se implicam para mostrar o horror da guerra. Já o quadro *Sono*, da Dalí, é metafórico. Nele, mostra-se uma cabeça segura por frágeis forquilhas.

Como mostra Jakobson, todos os processos simbólicos humanos, sejam eles sociais ou individuais, organizam-se metafórica e metonimicamente (1969, p. 65-66). Agatha Christie criou dois detetives que têm grande importância em sua obra porque aparecem como figuras-chave em vários romances: Poirot e Miss Marple. O processo de descoberta dos dois é completamente diverso. O de Poirot é metonímico: a partir de um dado indício, ele reconstrói o crime, por meio de uma série de implicações. Começa por uma triagem. O de Miss Marple é metafórico: ela percebe analogias entre o crime que está investigando e um outro já ocorrido. Ela mistura os diferentes crimes. Termina sempre afirmando que o mal é sempre igual¹².

Jakobson sugere que os tópicos de um texto podem encadear-se metafórica e metonimicamente (1969, p. 61), o que significa que também a progressão textual pode ser metafórica ou metonímica. É o que se observa, por exemplo, no primeiro capítulo de *O guarani*, de José de Alencar, em que relações de analogia (portanto, misturas) vão construindo a progressão textual. Já o início do primeiro capítulo de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, em que se apresentam a figura de João Romão, uma relação de causa e consequência, bem como uma de sucessão (portanto, triagem) é que presidem à evolução do texto.

As misturas e triagens ocorrem em diferentes níveis e de diversas maneiras na constituição de distintas grandezas discursivas. O procedimento chamado enumeração caótica é a mistura num texto de elementos sem nenhuma relação aparente entre si para produzir um dado efeito de sentido. Alberto Caetano, heterônimo de Fernando Pessoa, vale-se dessa construção bastante utilizada por Whitman, para exprimir o dinamismo e a simultaneidade da vida moderna: “Obter tudo por suficiência divina -/ As vésperas, os consentimentos, os avisos,/ As cousas belas da vida -/ O talento, a virtude, a impunidade,/ A tendência para acompanhar os outros a casa,/ A situação de passageiro/ A conveniência em embarcar já para ter lugar,/ E falta sempre uma coisa, um copo, uma brisa, uma frase,/ E a vida dói quanto mais se goza e mais se inventa” (PESSOA, 1969, p. 306).

O oxímoro é a mistura, numa única grandeza, de elementos semânticos contrários ou contraditórios. É o caso do verso “O mito é o nada que é tudo”, de Fernando Pessoa (1959, p. 25); da definição do sertanejo como “Hércules-Quasímodo”, feita por Euclides da Cunha (1982, p. 81); da expressão “inocente culpa”, presente no poema *Elegia a uma pequena borboleta*, de Cecília Meireles (1985, p. 318); dos versos “Foste tu que partiste,/ - Meu

¹² Talvez pudéssemos tirar conclusões sobre os estereótipos sociais a respeito dos papéis tradicionais da mulher e do homem, quando vemos, na obra da escritora inglesa, que este raciocina por implicações e aquela, por analogia.

amargo prazer, doce tormento!”, do poeta Carlos Queirós (1950, p. 64); no verso “Aquela triste e leda madrugada” do soneto 19, de Camões (1988, p. 272).

A palavra-valise é a mistura de duas palavras, para exprimir uma realidade em que os conceitos designados pelos dois termos se acham inextricavelmente ligados. É o que ocorre no poema *Jaguadarte*, de Lewis Carroll (1980, p. 197).

A antanáclase é uma figura da triagem, pois é a retomada de uma palavra em acepções diferentes no mesmo enunciado; nela selecionam-se e distinguem-se os diferentes sentidos. Um exemplo clássico é a famosa máxima de Pascal “O coração tem razões que a própria razão desconhece”. Em Camões, há o verso “Novos mundos ao mundo irão mostrando” (II, 45, 8).

Figuras da valência da intensidade

Há uma série de figuras que se colocam na valência da intensidade: na subdimensão da tonicidade, aparecem, por exemplo, a hipérbole, que é tônica, e o eufemismo, que é átono. Outras figuras constroem-se no processo de decadência, ou seja, de atenuação, ou de ascendência, ou seja, de tonificação. A gradação ascendente mostra um processo de aumento da tonicidade: “[...] os vales aspiram a ser outeiros, e os outeiros a ser montes, e os montes a ser Olimpos e a exceder as nuvens” (VIEIRA, 1959, t. 11, p. 372); “Deu sinal a trombeta castelhana / Horrendo, fero, ingente e temeroso” (CAMÕES, 1988, IV, 28, 1-2).

O texto abaixo, retirado do *Sermão histórico e panegírico nos anos da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Sabóia*, de Vieira, é constituído de uma série de gradações ascendentes. Para ficar apenas numa delas, observe-se que o orador diz que a guerra é um *monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas*. A gradação mostra a ordem crescente dos prejuízos que a guerra causa: acaba com os bens materiais, deixa pessoas feridas e mutiladas, tira vidas.

Começando pela desconolação da guerra, e guerra de tantos anos, tão universal, tão interior, tão contínua: oh que temerosa desconolação! É a guerra aquele monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come e consome, tanto menos se farta. É a guerra aquela tempestade terrestre, que leva os campos, as casas, as vilas, os castelos, as cidades, e talvez em um momento sorve os reinos e monarquias inteiras. É a guerra aquela calamidade composta de todas as calamidades, em que não há mal algum, que, ou se não padeça, ou se não tema; nem bem que seja próprio ou seguro. O pai não tem seguro o filho, o rico não tem segura a fazenda, o pobre não tem seguro seu suor, o nobre não tem segura a honra, o eclesiástico não tem segura a imunidade, o religioso não tem segura sua cela; e até Deus nos templos e sacrários não está seguro. (1959, t. 14, p. 361)

Figuras da valência da extensidade

O procedimento de construção de determinadas figuras é a extensão de determinadas grandezas lingüísticas no tempo ou no espaço. Se a expansão será no tempo ou no espaço, depende da natureza da linguagem em que se constitui a figura. Como a linguagem verbal se manifesta no tempo, será temporal a extensão supramencionada. Na pintura, seria ela, em princípio, espacial.

A assonância e a aliteração são expansões, respectivamente, de um determinado fonema ou traço vocálico ou de um dado fonema ou traço consonântico. No poema *A onda*, de Manuel Bandeira (1983, p. 354), aliterações e assonâncias contribuem para recriar, no plano de expressão, o movimento das ondas. A expansão da nasalidade, ao longo de todo o soneto *Hão de chorar por ela os cinamomos*, de Alphonsus de Guimaraens (1960, p. 258), cria o efeito de sentido de plangência.

O homeoteleuto é a extensão de finais iguais de palavras colocadas umas junto das outras: “A memória trazia-lhe o sabor do perigo passado. Eis aqui a terra encoberta, os dous filhos nados, criados e amados da fortuna” (Assis, 1979, p. 974).

A extensão pode dar-se com quaisquer grandezas lingüísticas. É o caso de amplificação, em que se expande um determinado significado, por meio de formulações lingüísticas diversas, em geral sinônimas, com a finalidade de dar ênfase à idéia desenvolvida. Nesse caso, ocorre uma correlação inversa entre a extensão no tempo e a tonicidade. A maior expansão temporal corresponde a uma maior tonicidade. É o que acontece num passo do livro *Leão-de-chácara*, de João Antônio, em que a enumeração de uma enorme lista de sinônimos do termo *dinheiro* dá ênfase às dificuldades da infância da personagem (1975, p. 63-64).

Há um trecho célebre de *A cantora careca*, de Ionesco, denominado *O resfriado* (1993), em que se faz uma amplificação das indicações das relações de parentesco por meio de uma construção recursiva. No entanto, o “absurdo” consiste no fato de que nela há uma relação inversa entre extensão e tonicidade: a uma extensão imensa no tempo não corresponde nenhum significado, há uma absoluta atonia de sentido, pois toda longuíssima enumeração das relações de parentesco serve para afirmar que uma dada pessoa “pegava, às vezes, no inverno, como todo mundo, um resfriado (1954, p. 61-63). Essa peça é baseada num manual de conversação franco-inglês e, portanto, como em todos os diálogos construídos para “aprender” vocabulário, o sentido é o que menos importa. O que conta realmente é que uma palavra seja pretexto para o aparecimento de outra. E, por isso, muitas frases são absolutamente despropositadas no contexto.

Argumentos implicativos e concessivos

Como se mostrou acima, a retórica, além de sua vertente tropológica, tem também um lado argumentativo. A argumentação opera com implicações e concessões. A lógica implicativa é a de fazer o que se pode (fez, porque é possível; não fez, porque não é possível); a concessiva é a da impossibilidade (fez, apesar de não ser possível; não fez, apesar de ser possível). A implicação fala das regularidades, a concessão rompe as expectativas e dá acesso à descontinuidade do que é marcante na vida (ZILBERBERG, 2006, p. 196-197).

Os argumentos repertoriados pela retórica são majoritariamente implicativos. Entram nesse rol, por exemplo, todos os argumentos causais: os que indicam causas mediatas e imediatas, os que evocam causas imediatas para ocultar as mediatas; os que minimizam as causas imediatas para tirar a responsabilidade do presente; os que apontam as causas finais. Num dos seus Sermões do Mandato, Vieira define o amor fora da lógica implicativa. Se ele tiver causa (porquê), não é amor; se ele tiver finalidade (causa final: para quê), não é amor:

Definindo S. Bernardo o amor fino, diz assim: Amor non querit causam, nec fructum. O amor fino não busca causa nem fruto. Se amo, porque me amam, tem o amor causa; se amo, para que me amem, tem fruto: e amor fino não há de ter porquê, nem para quê. Se amo, porque me amam, é obrigação, faço o que devo; se amo, para que me amem, é negociação, busco o que desejo. Pois como há de amar o amor para ser fino? Amo, quia amo, amo, ut amem: amo, porque amo, e amo para amar. Quem ama porque o amam, é agradecido, quem ama, para que o amem, é interesseiro: quem ama, não porque o amam, nem para que o amem, esse só é fino. E tal foi a fineza de Cristo, em respeito a Judas, fundada na ciência que tinha dele e dos demais discípulos. (1959, t. 4, p. 336)

Podem-se também estudar os argumentos do ponto de vista da articulação dos mecanismos de mistura ou de triagem. Todos os que se fundam na analogia, por exemplo, são argumentos de mistura. São argumentos da triagem, por exemplo, o chamado argumento da partição, em que se separa cada um dos aspectos de uma idéia complexa para fins argumentativos.

Conclusão

Os exemplos dados constituem uma pálida idéia do que pode fazer a semiótica para incorporar no seu arcabouço teórico as aquisições da retórica. Seria preciso, no entanto, ao final, responder uma objeção que pode ter surgido na mente dos que lêem este texto: o que a semiótica está fazendo é apenas estabelecer novos princípios de classificação. Sim e não. Ela está determinando, de acordo com suas bases teóricas, os princípios de construção de argumentos e figuras e, por isso

mesmo, classificando-os. No entanto, cabe lembrar que o que as teorias devem fazer é tornar-se cada vez mais compreensivas, explicando, da mesma maneira, fenômenos cujas relações não eram percebidas. O que faz a semiótica tensiva é mostrar que todas as grandezas lingüísticas, sejam elas conceitos sobre a realidade, tropos, argumentos, etc., constroem-se segundo os mesmos princípios. Por exemplo, a metonímia, os argumentos fundados na partição, mas também a matéria de um sermão (por exemplo, Vieira, no *Sermão da Sexagésima*, diz que a homilia deve ter um só assunto) são definidos pelo mecanismo da triagem. A metáfora, os argumentos baseados na analogia, mas também os princípios que regem a cultura brasileira são determinados pelo procedimento da mistura. Com efeito, a cultura brasileira sempre se descreveu como uma cultura da mistura. Louva-se a tendência brasileira à assimilação do que é significativo e importante das outras culturas. Não é sem razão que Oswald de Andrade erigiu a antropofagia como o princípio constitutivo de nossa cultura (1990). Com *Casa grande e senzala*, de Gilberto Freyre (1954), começa-se a considerar eufórica a mistura: a colonização portuguesa é vista como tolerante, aberta, o que levou à mestiçagem racial, que não ocorreu nos lugares de colonização inglesa ou francesa, por exemplo. O Brasil celebra a mistura da contribuição de brancos, negros e índios na formação da nacionalidade, exaltando o enriquecimento cultural e a ausência de fronteiras de nossa cultura. De nosso ponto de vista, o misturado é completo; o puro é incompleto, é pobre. Observe-se que se está falando de autodescrição da cultura brasileira. Há então todo um culto à mulata, representante por excelência da “raça” brasileira; do sincretismo religioso, sinal de tolerância; do convívio harmônico de culturas que se digladiam em outras partes do mundo, como a árabe e a judaica.

A incorporação da retórica à semiótica implica descrever os procedimentos retóricos por meio de princípios mais amplos do que aqueles então utilizados e, ao mesmo tempo, uma recusa a pontos de vista que não estejam de acordo com as base teóricas sobre as quais se erigiu a semiótica.

Abstract

In this paper, after showing that rhetoric studies the discursive procedures that allow the enunciator to produce effects of meaning that permit the enunciatee to believe what is said, I show that the different theories of discourse should inherit Rhetoric, taking into account centuries of studies already developed. By “inherit Rhetoric” I mean that it should be read in light of the

theoretical problems currently addressed, and that the issues approached by rhetoric should be investigated from the perspective of the questions raised by modern theories. Following that, I examine the way French Semiotics has been addressing the so-called Rhetoric of Figures and Argumentative Rhetoric, in a process of theoretical incorporation of the tools of ancient rhetoricians. I show figures and arguments of mixture and of triage, figures of valence of intensity, figures of valence of extent, as well as implicative and concessive arguments.

Keywords: *Figures of mixture. Figures of triage. Intensity. Extent. Implication Concession.*

Referências

ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica: manifestos e teses*. São Paulo: Globo: Secretaria do Estado da Cultura, 1990.

ANTÔNIO, João. *Leão-de-chácara*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

ARISTÓTELES. *Rhétorique*. Paris: Librairie Générale Française, 1991.

ARISTÓTELES. Analíticos anteriores. In: _____. *Órganon*. Bauru: EDIPRO, 2005.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.

BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

BARTHES, Roland. A retórica antiga. In: COHEN, Jean et al. *Pesquisas de retórica*. Petrópolis: Vozes, 1975. p.147-224.

CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

CÂNDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira*. v. 1. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice*. Tradução e organização de Sebastião Uchoa Leite. 3. ed. São Paulo: Summus, 1980.

CÍCERO, Marco Túlio. *De l'orateur*. Paris: Les Belles Lèttres, 1966.

_____. *L'orateur*. Paris: Les Belles Lèttres, 1921.

- CUNHA, Euclides da. *Os sertões: campanha de Canudos*. 31. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- DUBOIS, Jacques et al. *Retórica geral*. São Paulo: Cultrix: EDUSP, 1974.
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. São Paulo: Discurso: Humanitas, 2001.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954.
- GENETTE, Gerard. A retórica restrita. In: COHEN, Jean et al. *Pesquisas de retórica*. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 129-146.
- _____. *Figures III*. Paris: Seuil, 1972.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Du sens II: éssais sémiotiques*. Paris: Seuil, 1983.
- GUIMARAENS, Alphonsus de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960.
- IONESCO, Eugene. *La cantatrice chauve*. Paris: Gallimard, 1954.
- JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix: EDUSP, 1969.
- LAUSBERG, Henrich. *Elementos de retórica literária*. Lisboa: Gulbenkian, 1966.
- _____. *Manual de retórica literária*. Madrid: Gredos, 1976. 3 v.
- MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.
- MELO NETO, João Cabral. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MEYER, Michel; LEMPEREUR, Alain (Ed.). *Figures et conflits rhétoriques*. Bruxelas: Éditions de l'Université de Bruxelles, 1990.
- OVÍDIO, Públio. *Les métamorphoses*. t. 2. Paris: Les Belles Lèttres, 1989.
- PERELMAN, Chaïm. *Le champ de l'argumentation*. Bruxelas: Presses Universitaires de Bruxelles, 1970.
- _____. *L'empire rhétorique: rhétorique et argumentation*. Paris: Vrin, 1977.
- PESSOA, Fernando. *Mensagem*. 6. ed. Lisboa: Ática, 1959.
- _____. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1969.
- PLANTIN, Christian. *L'argumentation*. Paris: Seuil, 1996.
- PLATÃO. *Oeuvres complètes*. Paris: Le Belles Lèttres, 1935. t. 2, 2ª parte.
- QUEIRÓS, Carlos. *Desaparecido e outros poemas*. Lisboa: Bertrand, 1950.
- QUINTILIANO, Marco Fábio. *Institution oratoire*. Paris: Les Belles Lèttres, 1980. t. 1, 7.

RENER, Frederick M. *Interpretatio: language and translation from Cicero to Tytler*. Amsterdam: Rodopi, 1989.

VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Porto: Lello & Irmão, 1959. 15 t.

ZILBERBERG, Claude. Síntese da gramática tensiva. *Significação: Revista Brasileira de Semiótica*. São Paulo, v. 25, p. 163-204, 2006.